

A FIGURA DE IRONIA COMO PROCESSO RETÓRICO-PROBLEMATOLÓGICO E EFEITO DO INCONSCIENTE

Rodrigo Seixas Pereira Barbosa*

Resumo:

A ironia se configura como a figura de retórica por excelência por exemplificar e comprovar, em sua própria definição e constituição, a natureza “problematológica” da linguagem. Durante bastante tempo, a retórica considerou o homem como fundamento de si, do dizer, portador e produtor de uma racionalidade assertórica que muito pouco questionava o próprio dizer e a sua condição enquanto sujeito de razão. Entretanto, a teoria retórica da “problematologia” do filósofo belga Michel Meyer (1991, 1992, 2007) apresenta que a retórica é antes uma ferramenta de racionalidade interrogativa, que rejeita o proposicionalismo da razão cartesiana e positivista, em prol de uma visão do sujeito retórico e da própria retórica como plurais, irresolutos, desfundamentalizados e, em parte, frutos de processos do inconsciente, e que, portanto, põe o logos como o momento do resgate da diferença problematológica e das falhas de sentido. Destarte, esse artigo visa apresentar a ironia como uma marca condensada do caráter problematológico da linguagem e das implicações das falhas de sentido e, em certa medida, dos processos do inconsciente.

Palavras-chave: ironia; retórica; problematologia; falha; inconsciente.

Abstract:

The irony is configured as a figure of speech for excellence because exemplifies and demonstrates, in its own definition and constitution, the problematological nature of language. For a long time, the rhetoric considered man as the foundation of itself, of the act of saying, as a carrier and producer of an assertoric rationality that very little questioned the own act of saying and its own condition as a subject of reason. However, the rhetorical theory of the « problematology » of the Belgian philosopher Michel Meyer (1991, 1992, 2007) shows that the rhetoric is rather an interrogative tool rationality that rejects the propositionalism of the cartesian and positivist reason in favor of a vision of the rhetorical subject and of the rhetoric domain as plurals, and, in part, fruits of unconscious processes. Therefore, this puts the logos as the moment of the rescue of the problematological difference and of the failures of sense. Thus, this article aims to present irony as a condensed mark of the problematological character of language, aims also to show the implications of failures of sense and, to some extent, of the processes of the unconscious.

Keywords: irony; rhetoric; problematology; failure; unconscious.

* Mestrando em Estudos Linguísticos (Análise do Discurso) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: rodrigoseixaspb@gmail.com.

Introdução

O estudo das figuras de retórica condensa a grande problematicidade que reside na própria constituição da *techné rhetoriké*. Não obstante, nem todas as figuras receberam a atenção grandiosa dada, por exemplo, às figuras de metonímia, sinédoque, e metáfora. A ironia, uma dessas um tanto negligenciadas, careceu de maiores desenvolvimentos dentro da teoria retórica. Não se quer aqui dizer, contudo, que a mesma seja mais importante do que as suas irmãs de maior evidência; tenta-se aqui apenas explicitar que a ironia é, dentre essas, a menos problematizada. Talvez isso se deva pela própria característica da figura de ironia, pois segue um caminho um tanto controverso das demais, e exige uma maior profundidade na análise da sua causa e dos seus efeitos. Por sua natureza distinta e mesmo antagônica em relação a tantas outras figuras, torna-se ainda mais interessante refletir sobre as implicações dessa figura na linguagem, bem como sobre os efeitos que ela causa nos espíritos. Não à toa, a ironia chamou bastante atenção aos olhares psicanalíticos de S. Freud e posteriormente de Lacan, quando perceberam ambos que a ironia e o efeito que ela causava eram, na verdade, uma “falha”, uma ruptura de ordem inconsciente. Além disso, a ironia mostra-se como a figura problematológica por excelência, pois condensa em si a quantidade necessária de problematicidade que comprova a *diferença problematológica* da linguagem e dos processos enunciativos.

Logo, procura-se nesse artigo, esclarecer um pouco mais sobre a natureza da figura retórica de ironia, isentando-se, entretanto, de esgotar o assunto, tendo em vista que essa figura é objeto capaz de preencher todo um livro, quiçá tratados, e não aceita ser reduzida em um artigo de caráter sumário. Não se trata aqui, tampouco, de exemplificar, ou conceituar, o que vem a ser uma figura, processo muito já feito e incansavelmente já desenvolvido em imensos tratados como o de Fontanier¹, em alguns outros tratados de argumentação como o de Perelman e Olbrechts-Tyteca², e mesmo em algumas obras atuais acerca das figuras como o livro do José Luiz Fiorin³. Na verdade, procura-se aqui apontar algumas considerações sobre a importância da figura de ironia para o entendimento do caráter plural e problematológico da retórica, desenvolvido pela Teoria da Problematologia, ou Teoria do Questionamento, de

¹ FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.

² PERELMAN, Chaim; OLBRECHST-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³ FIORIN, José Luiz. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

Michel Meyer (1991, 1992, 2007), assim como tentar fazer algumas convergências, rasas por certo, com o pensamento psicanalítico, ora em Freud, ora em Lacan, apresentando o caráter inconsciente da (des)construção do sentido em um enunciado irônico, nas falhas que nele aparecem, nas hiâncias que ali estão instauradas e que motivam um olhar mais cuidadoso e um tanto mais profundo para esse fenômeno.

Sem dúvidas, por ser uma figura de retórica, a ironia tem caráter argumentativo fortíssimo, sendo mesmo um dos raciocínios argumentativos mais eficazes, tal como nos assegura Perelman e Tyteca (2005, p. 236) em seu *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, quando dissertam sobre o argumento do ridículo. Não obstante, esse não será o viés que daremos para a análise da ironia; propomos ver tal figura não como uma estratégia pensada, um projeto consciente e voluntário de persuasão, mas apenas na sua relação forma-conteúdo, na sua natureza enquanto jogo de significantes, e que permite, assim, aproximar essa retórica de um possível inconsciente que atravessaria esse fenômeno e que nos ajudaria a entender, assim, o processo retórico como o reflexo do problemático, do que gera o contraste e a falha entre a diferença e a identidade. Em suma, buscaremos enxergar as implicações problematológicas e, em certa medida, inconscientes, do processo irônico na enunciação. Vejamos, *a priori*, de que retórica falamos e o que é a teoria da problematologia.

1. A retórica e a teoria problematológica do filósofo Michel Meyer.

A retórica pode ser conceituada de diversas formas e desenvolvida através de aspectos plurais. Com efeito, muito já se sabe de todo o percurso nada tranquilo que a retórica precisou assumir, tendo em vista todos os obstáculos que a mesma enfrentou pela mania de uma época em buscar, através de uma racionalidade proposicional, a verdade unívoca, a aproximação do que presumiam ser a razão “ideal”. Por certo, Platão já dizia, a retórica é um desvio, pois a mesma admite tomar como verdade coisas que não são fundamentalmente verdades já que admitem outras alternativas de verdades. Podemos dizer que, mesmo Aristóteles, na tentativa de sistematização de uma técnica tão discutida e questionada, constrói a sua metodologia em busca de apresentar uma retórica um tanto mais racionalizada, que, ao menos, não fosse igualada às outras “retóricas” que as escolas sofisticas ensinavam. Pois bem, apesar de entender que o objeto da retórica não era o amplamente aceito por uma comunidade de sábios, mas sim o comumente compartilhado, o verossímil para o

povo que constituía o possível auditório de qualquer argumentação na *polis*, o discípulo de Platão, tal como seu mestre, instaurou como o princípio chave de uma argumentação eficaz a *não-contradição*. Tal princípio, ao invés de apontar para a problematicidade da linguagem enquanto manifestação materializada da diferença, tenta apaziguar os conflitos de verdade (até mesmo sufocá-los) a fim de obter uma posição mais verossímil, mais “verdadeira” para cada caso determinado. Vemos aqui, por certo, a efetivação e a afirmação de um sujeito de vontade, totalmente consciente e soberano, que procurava entender como se desenvolvia o processo do acordo, sem, no entanto, problematizar a condição do homem enquanto detentor da verdade.

Apesar de a retórica ter encontrado no classicismo latino um importante desenvolvimento (sobretudo no que dizia respeito à eloquência e às composições dos discursos jurídicos), não iremos aqui desenvolver esse período, visto que fugiria da intenção deste artigo, no sentido de que o mesmo busca menos analisar todas as características e particularidades da retórica em cada momento de sua história do que apresentar que muito pouco se avançou em direção a uma problematização da racionalidade retórica. Não é à toa que a retórica, frequentemente, traveste-se de dialética, e por vezes, confunde-se mesmo em um processo intricado entre a heurística e a erística.

Por razão dessas diversas faces que a retórica adquiriu no decorrer da sua história, Hansen (2013, p. 14) acredita que não podemos falar de uma retórica, ou de uma *instituição retórica*, devido ao fato de a retórica ser múltipla, plural por sua própria natureza, e que a sua aplicação se deu e ainda se dá de maneiras diversas. Ainda segundo ele, “a retórica é movimento”.

Podemos dizer que mesmo com o novo lugar de evidência que a retórica assumiu a partir dos empreendimentos do filósofo belga Chaim Perelman, em parceria com a pesquisadora, Lucie Oblrechts-Tyteca, ao lançarem a obra *Traité de L’argumentation: la nouvelle rhétorique* em 1958, na Bélgica, o proposicionalismo da retórica enquanto técnica argumentativa a ensinar meios de persuadir começa a ceder paulatinamente. Sem embargo, devido à natureza e ao fundamento “razoável” de sua teoria, alguns teóricos criticam tal posição alegando aí haver uma primazia de um *logos* assertivo.

Na verdade, a proposta perelmaniana do desenvolvimento de uma teoria discursiva do acordo merece destaque e reconhecimento, todavia, é difícil não ceder à crítica de que a lógica do “razoável” dessa proposta não deixa de colocá-la um tanto ainda distante de uma problematização mais efetiva. É preciso aqui, para não ser

injusto, dedicar certa explicação a essa constatação. Perelman, crítico da teoria de Descartes (o que se mostra evidente na introdução que o filósofo faz no seu *Traité*), não considera o sujeito retórico, o sujeito pensante, como o mesmo sujeito do *Cogito*. Perelman, ao desenvolver um tratado sobre o acordo argumentativo, prevê a ocorrência de problemas no processo de comunicação e argumentação advindo dos distintos princípios e valores que constituem a crença de cada povo, de cada auditório. Porém, nada disse quer dizer que não se possa, argumentativamente, desenvolver estratégias “razoáveis” de exploração cognitiva desses valores e paixões a fim de se lograr a empresa da persuasão ou do convencimento. Ele, como filósofo jurídico, rompe com o cientificismo kelseniano da teoria do direito, e instaura uma análise hermenêutica baseada na interação argumentativa e discursiva entre as instâncias jurídicas. Entretanto, o sujeito ainda é, de certa maneira, soberano. Esse sujeito soberano oriundo lá de Kant e de Descartes parece, ainda um tanto, continuar presente em Perelman como aquele que busca através do *logos* resolver os conflitos no mundo interacional. Por essa razão, a ironia para os autores do *Traité* é essencialmente argumentativa, ainda que indireta, e parte da vontade soberana do orador em querer usar a ironia para lograr a adesão.

Pois bem, não queremos aqui contestar o estatuto da retórica enquanto faculdade humana de racionalização. O que se quer discutir é o caráter da racionalidade. Segundo Meyer (1991), a crise da razão que vivemos desde a morte do sujeito cartesiano não é a crise de toda a razão, mas de uma razão em específico, a saber, da razão assertórica, que busca exterminar com qualquer problematidade, ou com qualquer possibilidade de demais respostas que não uma só, e que, por assim dizer, coloca-se como proposição. Para Meyer,

a retórica que se manifesta na sua faculdade de racionalização e de encerramento é ainda uma retórica proposicional, uma defesa provisória do antigo, e não o aparecimento duma interrogatividade *sui generis*. É o encerramento do sujeito que é desvelado e não a sua possível abertura para o problemático que deixaríamos, por fim, de encerrar, de vedar. Pois o que é preciso ver bem é que o evidenciar do papel da retórica, a que se mantém proposicional, mas visa simplesmente mostrar como é que há ocultação e encerramento. A retórica vai ser desvelada por aquilo que ela permite no seio da ordem proposicional, sem que a natureza de qualquer uma delas sofra por isso, qualquer transformação. Uma vez desmascarada, é certo que ela já não será o *a priori* resolutório que era (MEYER, 1991, p. 182).

Nesse sentido, Esteves (2009), corroborando com a teoria do filósofo Michel Meyer, afirma ser a retórica necessariamente problemática, como a filosofia que evidencia nos discursos a materialização das identidades e das diferenças. Com efeito, qualquer relação dialógica, enunciativa, discursiva, comunicacional, se dá em um processo de trocas languageiras em que as diferenças e as identidades se encontram, negociam-se, resolvem-se, fronteiriças entre si, constituidoras de uma divisão porosa em que não se sabe onde termina a diferença e começa a identidade, e vice-versa. Nesse sentido, Esteves afirma em seu livro *Ironia e Argumentação*,

Toda a linguagem é sempre desvio, não a uma realidade ou a uma essência exterior a ela própria, da qual ela fosse um ser menor ou uma epifântica/ epifenoménica manifestação e que, por isso, servisse de mediadora e calçasse as sandálias voadoras de um Hermes incumbido de transportar mensagens entre soberanos deuses, mas, bem pelo contrário, a linguagem é sempre desvio a ela própria, mediando-se a si própria. Ora, neste sentido, o problema da identidade e da diferença não se constitui em razões exógenas à linguagem, mas é a fulgurante experiência da linguagem como desvio potenciado e inventado de si mesma, de que os tropos e os conceitos são expoentes indesmentíveis e inextricáveis, no sentido em que representam, pela figuração, a actualização de uma *dynamis* que arrebatava a linguagem e a amplifica permanentemente. Em última instância, é esta configuração de possibilidades que faz com que a linguagem se medeie a si mesma e se inscreva numa sempre renovada rede de circunstâncias, contextos, conjecturas, conjunturas que despoletam novos sentidos de inteligibilidade e racionalidade (ESTEVEES, 2009, p. 12, *grifos do autor*).

Faltou aqui apenas dizer que a linguagem se estrutura em um processo inconsciente de significação, onde essa rede de circunstâncias, contextos, conjecturas e conjunturas supracitadas, solidificam-se, sedimentam-se em um *loco* inconsciente discursivo que frequentemente é acionado sem a nossa vontade e que significa em nós, ressignifica o nosso dizer.

Destarte, a retórica reside justamente na subversão, tantas vezes na transgressão, e nem por isso deixa de ser a filosofia capaz de esclarecer o processo discursivo em sua nudez, sem fantasias positivistas da busca da vitória de uma tese, muitas vezes, a qualquer custo. A retórica seria, assim, aquilo que é e que poderia não ser, ou aquilo que poderia ser, mas que não é, desafiando o princípio aristotélico da *não-contradição*, não porque se possa colocar, fundamentalmente, *A* e *não-A* como possíveis em um mesmo enunciado, mas em apresentar que tal oposição *A* e *não-A*

não é sempre óbvia, e pode remeter a outras questões que não estão inseridas no enunciado como *A* ou *B*, e muito menos *não-A*. Este é o caso, por exemplo da ironia em que, muitas vezes, a oposição retórica de significantes causa uma ruptura de sentido sem, contudo, inviabilizar o entendimento do projeto enunciativo (ainda que o subverta). Os sentidos são apreendidos na dispersão, na desconstrução e na inversão de significantes. Isso comprova o caráter problematológico da linguagem. Segundo Esteves, a presença do problemático na linguagem é a abertura de sujeitos a sujeitos, na multidão de diferenças e identidades que se podem estabelecer entre eles, garantindo, assim, a diversidade de inteligibilidade e de comunicabilidade, nunca anulando a diferença de base que é quase a fundação de uma diferenciação de sujeitos. Se a linguagem é a multiplicação de sentidos e todas as linguagens são abertas, então ela é a multiplicação

de problemas e, por conseguinte, a multiplicação de diferenças entre sujeitos, o que significa quase a consagração de um novo humanismo retórico. Por este motivo, a linguagem é a consolidação da possibilidade de sermos sujeito, não como detentores de uma realidade, mas como transfiguradores de uma realidade que nos escapa permanentemente, num ponto de fuga, simultaneamente convergente e divergente, que é a linguagem, e que nos torna sempre recém-chegados ao seu domínio, através do qual nos inventamos como seres problemáticos (ESTEVEES, 2009, p. 14).

Pois bem, o sujeito enquanto problemático efetua enunciados problemáticos e que precisam ser encarados por esta ótica. A racionalidade interrogativa “retoriza” o sujeito, torna-o mais condizente com a sua condição. Vejamos um caso específico onde se deixa claro a condição do sujeito retórico enquanto problematizado frente a um enunciado irônico também problematológico. Se um patrão chega em casa na hora do almoço e pede para a sua secretária doméstica que coloque o almoço na mesa, dentre algumas maneiras, o mesmo poderia enunciar dessa forma: “Joana [a doméstica], você não vai colocar a mesa, não?”. Em função de uma análise interpretativa primeira, poderíamos dizer que se trata de uma pergunta legítima de um patrão a uma secretária doméstica perguntando se esta não iria colocar o almoço na mesa. Além do fato de que o significante *almoço* se encontra na pergunta do patrão, apagado, isso é facilmente recuperado, talvez inconscientemente, pela questão do implícito da linguagem e que nos permite inferir certos sentidos não explícitos em um enunciado. Entretanto, o principal nesse caso é que, apesar de o

enunciado ter sido feito em forma de interrogação, o verdadeiro sentido do mesmo é na verdade imperativo, como que se o padrão dissesse: “Joana, coloque o almoço na mesa!”. Vejamos que isso mesmo é problematológico, e que uma rápida e superficial análise no nível explícito do enunciado não se resolve em meio aos conflitos e às falhas que ocorrem neste processo.

De fato, é sempre mediante um jogo entre identidade e diferença que os sentidos se fazem na linguagem. A retórica já dizia isso há mais de dois séculos de anos atrás e, curiosamente, nunca perdeu a aplicação e a contemporaneidade para os problemas linguísticos que ainda nos afligem. Para Fiorin,

[...] a retórica é a disciplina da impropriedade do sentido. Exemplifiquemos isso. Quando se diz, no capítulo XXXVII de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, que o homem é uma errata pensante”, apreende-se a metáfora, quando se observa que há uma não pertinência em considerar que o homem é uma errata. Afinal, errata se usa para escritos. No entanto, essa predicação impertinente estabelece uma tensão entre identidade (correção de erros, aprimoramento) e diferença (em cada edição/em cada estágio da vida) e, assim, ganha pertinência (FIORIN, 2014, p.28-29).

“A retórica é, pois, figurativa, logo, segunda, derivada, acrescentada” (MEYER, 1991, p. 217), movida pelas construções e desconstruções de sentido, pelo mover da ficção e dos efeitos de realidade, pelo que é literal e o que é o figurado. A natureza problematológica da discursividade em geral é o que permite que o literal e o figurado apareçam como “categorias proposicionais da diferença problematológica, ao mesmo tempo escondida, na medida em que se é levado a *procurar* outra coisa diferente daquilo que é dito *no* que é dito, uma procura que só pode terminar *pelo* que é dito” (MEYER, 1991, p. 219). Mas o que é essa *diferença problematológica*? Vejamos que esse conceito é crucial para o entendimento das figuras de retórica e, sobretudo, da figura de ironia que é o nosso caso em destaque.

1.2. A diferença problematológica

Quando escrevemos, argumentamos, ou quando nós nos comunicamos, fazemos isso sempre movido por uma questão em mente. Não é à toa que a tautologia é tão criticada, ou os pleonasmos são considerados erros gramaticais, pois não há nenhuma necessidade em afirmar e reafirmar o óbvio, já que aquilo já foi *obviamente*

respondido. Entretanto, as tautologias são casos minoritários na linguagem humana. Quase sempre existem problemas a serem resolvidos na linguagem e que movem o locutor a tomar o projeto de fala. Segundo Meyer (1992, p. 132), “ela [a diferença] é a fonte da linguagem naquilo que esta última responde à problemática humana, da qual a interação dialógica é uma dimensão essencial na qual se insere o problema de informar, de comunicar, de persuadir”.

Nesse sentido, podemos dizer que apenas há resposta para aquilo que é questão, e toda questão exige uma atitude responsiva. Essa é a *diferença problematológica*, ou também, *diferença questão-resposta*, no sentido de que todo ato comunicativo de resposta remete a uma questão. Uma proposição ou um discurso podem ao mesmo tempo indicar a questão e a solução dessa questão. Por essa razão, Meyer (1992,2007) define a processo da problematologia da linguagem como um *homônimo apocrítico-problematológico*, tendo e vista que: *apocrítico*, porque caracteriza uma resposta; *problematológica*, pois sempre expressa uma questão. A resposta seria assim o reenvio de uma questão.

Tal processo fica claro, por exemplo, quando usamos o próprio termo “questão” em uma afirmação como em “Isso é uma questão de vida ou morte”, ou “Não vou por uma questão de dinheiro”. É perfeitamente perceptível que o que está implícito nessa afirmação não é de caráter resolutório ou proposicional, pelo contrário, é antes problematológico, pois insere a própria questão que essa resposta veio a responder. O *logos* é, pois, construído em cima dessa diferença que não se resume, de forma alguma, a uma questão de forma. “Por questão, deve-se entender um problema e não uma frase interrogativa [...]” (MEYER, 1991, p. 188).

A atividade discursiva, implicando questão ou resposta, segundo Meyer (1991, p. 189) “é um processo de questionamento a dois níveis: aquele no qual o locutor, ou o autor, quer dizer qualquer coisa, e aquele no qual ele o diz e explicita o que tem a dizer”. Pois bem, o processo da linguagem é uma passagem de um implícito para um explícito que será materializado na língua. O *logos*, nesse sentido, abarca, ao mesmo tempo, essa linguagem onde se misturam sem dúvida o inconsciente e a história, como também o explícito, aquilo que parte de um suposto projeto de fala, ou consciência do dizer, do saber do que se diz. Meyer (1991) afirma que nem só de manifestações linguísticas viverá o *logos*. Podemos, com certa ousadia, entender que o “espírito”, aquele mesmo que é persuadido segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), é, de certa maneira, não só o *pathos*, que efetivamente aceita o assentimento através de um processo racional ou de “razoabilidade”, mas também de um

inconsciente inscrito em um funcionamento discursivo que engloba paixões, experiências, saberes compartilhados, *doxa*. Nesse sentido, o *logos*, para Meyer

[...] responde àquilo que nós somos, a saber, uma problematidade incarnada na história e trabalhada pelo implícito articulado no inconsciente. Há uma linguagem porque nós próprios, questionadores, questionando aqui o *logos*, somos atravessados pela diferença problematológica. Esta mesma diferença, que é o ato de nascimento do *logos*, assegura igualmente a própria textura deste, pois aquilo a que o *logos* responde não se pode perder na resposta, sob a pena de destruir a sua própria razão de ser (MEYER, 1991, p. 189-190).

Portanto, veremos como a metodologia de análise da diferença problematológica serve para entendermos o processo das figuras, especificamente aqui da figura de ironia, bem como isso aponta para uma convergência com a questão do inconsciente discursivo, ainda que nele não entraremos profundamente por falta de ferramentas capazes para isso. Contudo, o caráter problematológico da ironia aponta efetivamente para algum papel do inconsciente, e, nesse sentido, uma análise breve de como surge essa instância inconsciente já nos ajudará a entender o processo retórico mais além do que apenas aquele que busca a persuasão, ou como a arte da eloquência, estilo da escrita e mutação das formas.

2. O signo, os processos do significante, o recalque do significado e o inconsciente.

O conceito saussuriano de linguagem não deixa margens para fugir de uma indispensável convergência entre a retórica e a linguística. Por certo, entendendo que a retórica figurativa procura desvelar a multiplicidade dos sentidos através dos variados jogos de significantes, ela acaba por estabelecer nessa pluralidade a sua capacidade estética de construção de discursos e também a sua capacidade argumentativa na estrutura de um projeto persuasivo. De similar maneira na linguística, o signo é entendido desde Saussure como um complexo de significação que se apresenta como o algoritmo *S/s*, isto é, Significante/Significado. O significante, representante de uma imagem acústica, da forma, tal como uma caixa vazia, acopla um conteúdo de significado que dará o sentido para determinado signo. Saussure, dissolvendo qualquer possibilidade de uma relação natural entre

significado/significante, trabalha a noção de arbitrário do signo, constituindo-o por diferenças puras, o que aponta para uma abertura da língua para as mais variadas formas de se comunicar. Nesse ponto, impossível não nos lembrarmos da retórica não só como a técnica persuasiva, mas, sobretudo, como a arte dos sentidos plurais. Se tivéssemos um significado único atrelado a um significante, não seria possível a polissemia do signo, nem as ambigüidades, tampouco a constituição da ironia, ou seja, a linguagem se resumiria àquilo que foi dito, do jeito que foi dito, nada mais além disso, o que, fundamentalmente, não condiz com a complexidade retórica.

Com efeito, já dissemos antes, a relação figurativa e retórica da linguagem se dá no jogo de semelhanças e diferenças entre os signos que não é nada mais do que às implicações das relações sintagmáticas e paradigmáticas dos signos entre si. Pois bem, é a identidade e a diferença que constituirá o sentido. Entretanto, não podemos deixar de considerar aqui, no caso da retórica especificamente, que o contexto discursivo permite a apreensão e a formação de sentidos outros que não aqueles facilmente estabelecidos no processo de significação material. A ironia, por exemplo, não estabelece o seu sentido meramente pelo jogo de significante e significado, mas pelo sentido incidente nesses significantes e que determina o significado final do enunciado irônico. Isso significa dizer que há, além da questão da estrutura, algo que foge da alçada dos signos, algo pertencente ao funcionamento discursivo ou mesmo ao inconsciente.

Em se tratando do inconsciente, segundo Lacan (1988 [1964]), o mesmo se estrutura como linguagem. É, de fato, como uma linguagem, onde a sua estrutura, também formada por signos, prevê um contínuo de significantes ($S \rightarrow S' \rightarrow S''$) em que cada significante remete, assim, a um outro, é que podemos perceber que no terreno do inconsciente o significante se afasta cada vez mais do significado. É a forma característica que Lacan se apropria do próprio Ferdinand de Saussure, ao descrever o estatuto do significante como sempre soberano, superior e dominante ao significado, este, por sua vez, cada vez mais distante de ser assumido. A própria *barra* que separa as duas instâncias, S/s , não prova apenas a supremacia do significante como também a impossibilidade de se passar de um para o outro, como se o significado fosse uma realidade distante, ou que a sua assunção fosse meramente ilusória. É aqui, inclusive, que o pensamento lacaniano se mostra mais estruturalista, por enxergar o deslizamento constante de um significante a outro significante para poder significar. Isso implica a construção de grupos fechados compostos de uma série de anéis que se ligam como em cadeias e estruturam uma rede. Ora, não é a

língua uma rede de signos que, volta e meia, são trocados, substituídos, como na metáfora, ou expandidos em um processo de contiguidade, tal como acontece na metonímia?

Entretanto, o processo de significação na ironia é um tanto distinto. O que acontece na ironia é a marca do recalçamento, é a prova da falha e da claudicação característica do agir inconsciente e que se estrutura na linguagem através de rupturas de sentido, transformações de sentido através de deslizamentos de significantes, da desconstrução. Remetendo-se à ideia de rachadura em Freud, Lacan afirma a existência do

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar - algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado*. E assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente (LACAN, 1988 [1964], p. 30).

Segundo Lacan, é no significante que essa hiância se produz, e o chiste (que S. Freud aproxima da ironia em seu texto “O chiste e o papel do inconsciente”) como também a ironia, aparecem como que frutos de um tropeço. Apesar da falha e da ação do inconsciente a partir dessa falha serem mais evidentes no caso do ato falho, dos lapsos, dos sonhos e dos chistes, na ironia ela aparece como algo lá, que se estrutura e se justifica naquele instante de percepção imediata do efeito irônico produzido em um enunciado. Podemos perceber que, ao invés de raciocinarmos e refletirmos o acontecimento de uma ironia, a sua causa e as suas implicações, tudo isso nos vem de maneira automática, imediata, como um estalido de sentido que nos move e nos leva ao efeito do riso, ou mesmo, no caso da ironia de derrisão, ao estranhamento. É a causa que há naquilo que falha, tal como afirmado por Lacan também em seu artigo “quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, nessas fendas, aberturas de sentido que se estabelecem curiosamente sem que nos demos conta da real natureza de sua estrutura e funcionamento.

Há intensas convergências entre o olhar saussuriano e o olhar psicanalítico no que diz respeito à questão da ironia e, com certeza, entre ambos e o olhar problematológico da retórica de Meyer. A ironia, como ruptura e processo que parte de um tropeço de sentido que move nosso espírito, é a figura que melhor explica o

que queremos defender como sendo a real natureza da racionalidade retórica. A retórica, no seu caráter figurativo, funciona como aquilo que é e poderia não ser, e vice-versa. Nesse sentido, a ironia seria aquilo que se apresenta como o dito e o não-dito ao mesmo tempo. É a intromissão do absurdo, do oposto, em um enunciado em que se poderia prever uma contiguidade. É a quebra, a falha de sentido que acarreta outro sentido. É a comprovação da recorrência que a linguagem faz do implícito para ganhar sentido e corpo. Vejamos mais profundamente o que vem a ser a ironia e como ela age na problematidade retórica, nessa falha que é problema, mas que deixa de sê-lo por apresentar-se como um dos recursos mais geniais da capacidade comunicativa humana.

3. A ironia como exemplo de problematidade retórica e suas implicações

A ironia está presente na filosofia já há bastante tempo, desde a ironia socrática, passando por Aristóteles, Kierkegaard, e tantos outros que, de alguma maneira, dissertaram algo sobre ela ou, ao menos, aplicaram-na. A linguística, com a entrada do estudo do estilo e da estética, união possível entre a retórica e a poética, passou também a estudar as figuras de retórica em geral e, por consequência, também a ironia (ainda que esta tenha sido muito menos explorada do que as demais). A retórica moderna retoma a figura de ironia e a tenta colocá-la em um patamar novamente privilegiado dentre os demais tropos. Isso se deve pelo olhar cada vez mais problematológico que se tem da retórica e que a figura irônica, como parte dessa problematologia, apresenta tal característica em sua plenitude. O que queremos dizer aqui é que a figura de ironia permite entender a *diferença problematológica* da linguagem tal como preconiza Michel Meyer. Podemos mesmo afirmar que essa figura apresenta um caráter figurativo mais profundo e mesmo mais curioso que o efeito causado pelas figuras metafóricas e metonímicas, por desvelar justamente um processo oposto e de ruptura na constituição do sentido figurado. Mas o que é a ironia?

Para Meyer,

a ironia apresenta-se então como o sentido oposto de qualquer figura possível, como a consideração de todas as suas implicações, o seu desvelamento, a consciência de que a literalidade é um fraude, pois estão em jogo figuras de estilo que não passam de figuras de não-

literalidade, apesar da aparência proposicional própria de toda a literalidade (MEYER, 2007, p. 118, *grifos do autor*).

A figura de ironia difere-se das outras em questão de identidade e diferença, porque podemos dizer que ela estabelece uma identidade mínima entre significantes e uma diferença máxima entre eles. Ainda segundo Meyer (2007, p. 119), a “ironia manifesta-se por uma disjunção”. Já não se trata de uma substituição de significantes que possuem características que se interseccionam e que, por essa razão, cria um novo sentido, como na metáfora, tampouco se trata de uma contiguidade como na metonímia, mas decididamente de opor os dois significantes.

Contudo, precisamos ter cuidado quando se trata de discernir ironias, devido a suas diversas faces. Foi, talvez, devido a isso, que S. Freud aproximou alguns tipos de chistes, piadas e trocadilhos com nomes, da ironia mesmo, como passível a provocar riso, mas também derrisão. A derrisão, por exemplo, pode ser depreendida em um mesmo enunciado passível de ser metafórico. Meyer traz um exemplo bastante interessante para que enxerguemos tal fato: “Este homem é um verdadeiro leão”. Pois bem, podemos dizer que o que se quer aqui é dar um sentido ao significante *homem* que admitirá intersecções com as características do significante *leão*. O leão é forte e corajoso, por isso, se comparo o homem a um verdadeiro leão, estou querendo dizer que esse homem é forte e corajoso. Vejamos que a relação entre os significantes se dá por um processo de substituição. Entretanto, podemos identificar nesse mesmo enunciado o seu caráter irônico, tendo em vista que poderíamos discernir uma possível derrisão aí presente: “Este homem é um verdadeiro leão”. Isso pode, na verdade, causar um sentido de desqualificação irônica, o que levaria ao interlocutor perguntar: “você está sendo irônico?”. Isso significa dizer que o enunciado acima causou no interlocutor mais a descrença, o estranhamento, no que se estava enunciando do que a verdadeira adesão ao sentido metafórico. É claro que as diferenças de sentido que esse mesmo enunciado irônico ou metafórico pode ocasionar dependem de todo o funcionamento discursivo, do contexto em que se insere aquela afirmação, no tom da voz, nos gestos, ou em demais coisas que extrapolam a materialidade do enunciado. Podemos dizer, por exemplo, que se o homem fosse um magricela correndo de uma barata, esse enunciado, por certo, seria irônico.

Nesse sentido, podemos dizer que a ironia se assemelha à metáfora, mas a subverte. Isso fica bastante visível nessa figura que o Meyer desenvolve em seu livro *Questões de Retórica*:

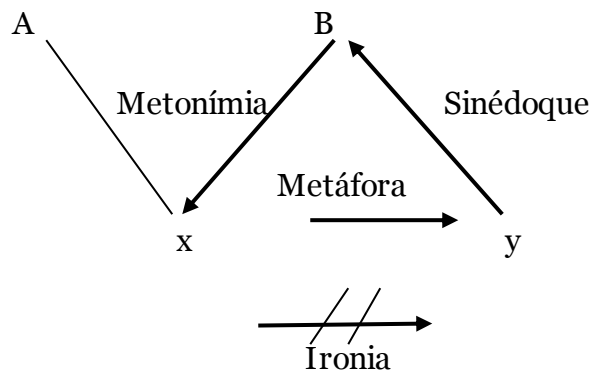


Figura 1: Relações entre as figuras retóricas (Fonte: MEYER, 2007, p. 87).

Para entendermos a figura acima precisaremos dar nome às letras. Retomando o caso “Ricardo é um leão”. O que acontece na metáfora é que x , que é Ricardo, possui uma característica B em comum com y , que é o leão. Logo, o que ocorre na substituição metafórica é um deslizamento do significante de x para y , por razão dessa característica B em comum. Na ironia, o processo é semelhante, mas justamente inverso. O caminho do deslizamento é o mesmo, x em direção a y , entretanto, as duas linhas apresentam bem a ruptura de sentido, a falha, que ocorrerá ao enunciar esse mesmo enunciado de maneira irônica. O que acontece é que eu percebo que x e y possuem B em comum, entretanto não concordo que essa característica realmente exista em x , por isso, produzo igualmente o deslocamento ao dizer “Ricardo é um leão”, só que, no caso da ironia, o sentido que quero denotar é justamente o inverso, de que x não tem nada a ver com y . Ricardo, por certo, é um covarde, e covardia não é B , talvez seja A , atributo este que Ricardo, ou x , não divide com y , que é o leão. O interessante nisso é que a ironia segue o mesmo sentido que a metáfora, entretanto, diferencia-se da mesma pelo caráter derrisório ou cômico, pela inversão do sentido que se estabelece na oposição dos significantes, ou mesmo na oposição dos sentidos que se estabelecem entre o enunciado e o contexto da enunciação. Tudo isso nos permite já, sumariamente, perceber o caráter problematológico da linguagem, em que uma afirmação pode gerar mais questões do que resoluções.

Percebamos, igualmente, que o movimento produzido pela flecha de B (atributo, uma parte) para x é um processo metonímico, tal como se B fosse os *livros do Machado de Assis* e x fosse o próprio *Machado de Assis*; enunciaria dessa forma o x para significar o B . O todo passa a significar a parte. *Eu leio Machado de Assis*, ao

invés de *Eu leio os livros do Machado de Assis*. Na contramão desse processo, a sinédoque significaria o *B, cabeça de gado*, por exemplo, no lugar do *y, o gado* propriamente. Sendo assim, enunciaria *B, cabeça de gado*, referindo-me, na verdade, a *y, o gado*, ou seja, significaria enunciar *posso mil cabeças de gado* no lugar de *posso mil gados*.

Tendo em vista que a ironia, como dito acima, tanto pode causar efeito cômico como derrisório, S. Freud a considerou como próxima ao chiste, entendendo assim a ironia negativa como um chiste irônico. Segundo Freud,

Refiro-me à ironia, muito próxima do chiste (ver em [1]) e contada entre as subespécies do cômico. Sua essência consiste em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender - pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas - que se quer dizer o contrário do que se diz. A ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer. Em consequência dessa condição a ironia se expõe facilmente ao risco de ser mal-entendida. Proporciona à pessoa que a utiliza a vantagem de capacitar-se prontamente a evitar as dificuldades da expressão direta, por exemplo, no caso das invectivas. Isso produz prazer cômico no ouvinte, provavelmente porque excita nele uma contraditória despesa de energia, reconhecida como desnecessária. Uma comparação como essa, entre os chistes e um tipo de comicidade, que lhes é intimamente relacionada, pode confirmar nossa pressuposição de que a característica peculiar dos chistes é sua relação com o inconsciente, o que permite talvez distingui-los também do cômico (FREUD, 1996 [1905], p. 113).

A ironia seria, pois, um processo de deslocamento do significante para um outro significante contrário ou que remeta a um significado oposto e que gera essa percepção de estranhamento com a própria formulação. Apesar de a forma ser distinta a que, casualmente, deveria ser utilizada, o entendimento pelo interlocutor é apreendido, o que nos possibilita afirmar que há um *au delà* do reducionismo que frequentemente se coloca na relação entre significante-significado. Analisemos dois casos de ironia para entendermos mais a fundo todo esse processo problematológico que se estabelece, e essa relação com o inconsciente. Primeiramente, faremos uso de uma ironia bastante famosa e já trabalhada que é a que está presente no livro do Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo XVII; posteriormente, analisaremos brevemente uma ironia, ou um chiste, que aparece no

artigo sobre os chistes de S. Freud e que também nos ajudará a entender algumas das implicações de sentido que a figura de ironia estabelece.

3.1. Primeiro caso de ironia: O caso do “amor de quinze meses e onze contos de réis”

No primeiro caso, a obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1994, p. 25), traz um exemplo claro de ironia e de como essa ironia não prejudica a apreensão de sentido do enunciado mesmo havendo nele um deslocamento de significantes que se colocam mesmo como contrários entre si. “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. Meu pai, logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil”. Tal disposição produz no leitor uma primeira reação, a de um estranhamento, um espanto, um riso, por justamente colocar “Marcela amou-me durante quinze meses” junto a “e onze contos de réis; nada menos”. Ora, o significante *amou-me durante quinze meses* deveria acionar na mente do leitor a inferência de que Marcela o amou, e o que seguiria em diante seria algo decorrente desse amor e condizente com ele. Devemos ressaltar que antes desse capítulo onde aparece esse trecho irônico acima destacado, a personagem machadiana já havia enunciado algo que participa ainda mais ativamente em levar o leitor ao efeito irônico: “Marcela, por exemplo, que era bem bonita. Marcela amou-me...”. Assim termina o capítulo XVI e, pois, o capítulo XVII inicia com a declaração primeiramente exposta e que aqui analisamos como um enunciado irônico.

Entretanto, o que aparece logo em seguida é o significante *e onze contos de réis*, que nada nos remete a um amor legítimo, mas sim a uma relação de interesses e motivada por dinheiro, remete ainda a uma relação de prostituição. O efeito risível e de estranhamento causado no leitor é justamente efeito de uma quebra de um contínuo de significantes, onde um remete ao outro através de relações de similaridade e contiguidade. O que nos é possível enxergar nesse exemplo é que um significante pode sofrer deslizamentos que ocasionam o deslocamento de sentido sem, no entanto, implicar em uma contradição lógica do tipo *A e não-A*. Nisso, pois, a ironia e o chiste (como os aproxima Freud) são retóricos, tendo em vista que prevê o que é e que poderia não ser, ou o que não é, mas poderia ser. A retórica é, pois, não só a pluralidade de possibilidades de construção do discurso, mas a própria pluralidade significante.

No enunciado irônico “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”, a produção de sentidos se constitui pela presença de um conteúdo material, que se manifesta na superfície do enunciado, e um outro conteúdo latente, implícito, escondido, que resgata a história da relação de namoro entre Marcela e a personagem machadiana através da relação entre quinze meses e onze contos de réis, apontando para uma verdade não expressa no enunciado, mas que se faz presente, fazendo-se emergir de forma indireta – ela uma cortesã, ele filho de pais ricos, duas classes distintas, que mentem um relacionamento. Ele se apaixona por ela e depois chega à conclusão de que a relação dela para com ele não era por amor, mas unicamente fruto de interesses, percebendo que seu amor teve a duração que o dinheiro conseguiu pagar e manter. Está claro que o próprio recalçamento da personagem machadiana, o sentido real escamoteado no seu inconsciente, aparece por essa hiância, essa falha, que é onde o inconsciente age e aparece.

Ora, ainda mais evidente que a relação da ironia com o inconsciente (isso, de fato, não é tão fácil para quem não é um psicanalista ou um pesquisador da área), é a relação problematológica que existe entre os significantes e o sentido do enunciado. Pois bem, o significante A= *Marcela me amou durante quinze meses* demandaria qualquer outra ligação com um significante B, que poderia ser qualquer coisa que remetesse o interlocutor a associar tal significante ao amor de Marcela. Talvez alguns significantes mais óbvios e esperados pelo interlocutor (leitor, nesse caso) seriam, por exemplo, B= *como nenhuma outra mulher amou-me em anos*; ou C= *e foram os melhores meses da minha vida*. Entretanto, ao introduzir um significante que remeta a uma ideia oposta como em *e onze contos de réis*, causa toda a fratura no sentido que caracteriza a ironia e isso gera um outro sentido, totalmente oposto, e que, na maioria dos casos, acarreta no interlocutor um estranhamento, efeito derrisório, ou mesmo o riso. É, pois problematológico, porque não comunica na asserção exatamente aquilo que se presumiria dizer, mas justamente o contrário, o que está implícito, e que a simples asserção não dá conta de concluir o sentido.

3.2 Segundo caso de ironia: O caso do “dinheiro emprestado e a maionese de salmão”.

Freud, em seu livro *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1996 [1905], p. 34, *grifos do autor*), usa o seguinte caso para exemplificar o chiste por erro de raciocínio, o que evidencia o caráter retórico desse inconsciente que o mesmo

tenta descrever: “Um indivíduo empobrecido tomou emprestado 25 florins de um próspero conhecido seu, após muitas declarações sobre suas necessitadas circunstâncias. Exatamente neste mesmo dia seu benfeitor reencontrou-o em um restaurante com um prato de maionese de salmão à frente. O benfeitor repreendeu-o: ‘Como? Você me toma dinheiro emprestado e vem comer maionese de salmão em um restaurante? É *nisso* que você usou o meu dinheiro?’. ‘Não lhe compreendo’, retrucou o objeto deste ataque; ‘se não tenho dinheiro, *não posso* comer maionese de salmão; se o tenho, não *devo* comer maionese de salmão. Bem, quando *vou* então comer maionese de salmão? ”. Bom, primeiramente a pergunta do benfeitor ao homem a quem emprestou o dinheiro demandaria, “na prática”, uma resposta assertiva, direta, resolutória. Em uma perspectiva assertórica, a resposta ideal para aquela questão levantada pelo benfeitor teria que ser algo como explicação da razão por que o rapaz que tomou o empréstimo estaria comendo algo tão caro, tendo em vista que o mesmo, por lhe pedir dinheiro, supostamente não investiria tanto dinheiro naquilo. Contudo, o lugar prescrito para a resposta é ocupado por uma nova questão, o que fere todo o processo assertórico característico de uma conversação racional habitual. A problematologia está justamente neste ponto, onde a questão feita pelo benfeitor remete a uma outra questão respondida pelo objeto do ataque e que, de maneira alguma, deixou de ser uma resposta. Esse tipo de ironia, por ser cômica, é precisamente o chiste descrito por S. Freud, e, nesse caso, fica mais difícil perceber a ligação com um inconsciente que trabalhasse em uma possível falha de sentido, ou recalçamento de significante. Entretanto, podemos ver nesse caso de irônica cômica, ou chiste, que a problematologia a qual se refere Michel Meyer fica ainda mais evidente.

4. Considerações finais

O que se procurou aqui dizer, ancorado no filósofo Michel Meyer, é que a retórica é problematológica por natureza, e, portanto, não deve aceitar a soberania do proposicionalismo ou do *logos* assertórico. O primado de um sujeito totalmente consciente, origem do dizer, negligencia o recalçamento de um sujeito que só se consegue instituir como similar porque é diferença, que só se afirma, porque antes foi confrontado por uma negação (se quisermos ligar à denegação freudiana); por fim, que só responde, porque foi movido por uma questão, que, nem sempre, chega ao sujeito de maneira consciente. Segundo Meyer, podemos observar que, por certo, “o

desabar do primado da consciência se identifique com o desocultar desta retorização do sujeito, com o desvelamento do seu recalçamento, com o surgir do inconsciente; imediatamente o sujeito será retórico ao deixar de ser fundamento” (MEYER, 1991, 182).

Tentamos aqui apresentar sumariamente que o inconsciente desloca os sentidos, desliza-os, o que evidencia o processo linguístico enquanto um complexo de signos, em que mesmo o sujeito torna-se um signo. Nesse sentido, o homem já não seria produtor do simbólico, mas fruto dele, e no limite, ele seria o próprio simbólico. Nesse sentido, vimos que a ironia é a figura retórica por excelência que comprova tanto a problematologia da retórica e dos sujeitos retóricos, quanto o evidenciamento de uma ruptura de sentido, a falha, que faz aparecer o inconsciente, ou algo *au delà*, que significa e ressignifica o dizer. Uma maior “retorização” do sujeito permitiria enxergar as relações languageiras de uma maneira mais condizente com a realidade problematológica dos processos comunicacionais. Em suma, precisamos considerar o sujeito retórico como sendo “[...] o que é sendo cada vez outro, sendo assim o que não é, consciência do objeto, inconsciência de si, marca não dita que se volta sempre para a sua própria presença num dizer que se refere ao que ele não é”. Por isso, “deixa de ser fundador, e podemos assim falar melhor dele a partir, precisamente, do fato de falar” (MEYER, 1991, p. 132).

Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguillar, 1994.
- DUNKER, C. I. L. A Interpretação do Chiste e a Retórica da Interpretação Psicanalítica. *Interações* (Universidade São Marcos), v.V, 1999.
- ESTEVES, José Manuel. *Ironia e Argumentação*. Lisboa, Labcom, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de Retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris: Flammarion, 1977.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Vl.8. Supervisão de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jacques. *Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MEYER, Michel. *A problematologia*. Trad. Sandra Fitas. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

MEYER, Michel. *Lógica, linguagem e argumentação*. Trad. Maria Lúcia Novais. Lisboa, Teorema, 1992.

MEYER, Michel. *Questões de Retórica*. Trad. António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHST-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria E. A. P. Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.